O MUNDO DO LIVRO
11-1-DA TRINDADE
676/2

(2812)

VIDA MARITIMA,

OU COSTUME DOS NAVEGANTES NO TEMPO DO SEU EMBARQUE.

LISBOA:

NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO 1792.

Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

RPJCB

VIDA MARITIMA,
OU COSTUME
DOS
NAVEGANTES.

1.

FOrtuna, vai deſcançar,
Bem entendida que não
Podias excogitar
Melhor modo de affrontar
Hum conſtante coração.

2.

Ingreme ſerra deſcer,
Subir oiteiro eſcarpado,
Lodo por agoa beber
Pude eu, e póde qualquer,
Que não for affeminado.

3.

De varios modos tentaſte
Em terra meu ſoffrimento;
Sempre immovel me encõtraſte;
Té que por fim ſeguraſte
No mar o teu vencimento.

4.

Mas da tua crueldade,
Fortuna, queixas não faço:
Queixo-me da humanidade,
Que em damno da divindade
Contra ſi te armou o braço.

5.

E tu, maximo Tonante,
Que ouſadias não conſentes,
E com irado ſemblante
Sentenceas n'hum inſtante
Eſp'ritos inconfidentes;

6.

Tu, que aos pérfidos mem-(brudos,
Que contra o Ceo fazem guerra,
Quebras alfanges, eſcudos,
E ſem braços quêdos, mudos
Os tens ligados á terra;

7.

Tu, que a torre demoliſte,
E dos ſeus loucos fiſcaes
A lingoagem confundiſte,
Deixando-os na pena triſte
De não ſe entenderem mais;

8.

Tu, que do carro luzente,
Ao louro pai ſó devido,
Lanças o filho imprudente,
Cuja morte faz patente
Das irmans rouco graſnido;

9.

Tu, q̃ aquelle, q̃ imprendeo
Das aves o vacuo imperio,
Soltas no mar, a quem deo
Co' as azas o nome seu
D' ousadia, e vituperio:

10.

Tu, que o outro, q̃ presume
Vida á estatua que fez, dar
Co' robado e terreo lume,
Do caucaso monte ao cume
Mandas para sempre atar:

11.

Tu, q̃ em fim nunca impuni-
Deixaste os genios astutos, (dos
Que passárão atrevidos
Dos termos predefinidos
Por teus sacros estatutos:

12.

Como, ó Jupiter (a dor
Soffra-me este atrevimento)
Não castigas o traidor,
Este sacrilego auctor
De tão depravado invento?

13.

Já sei dividiste em vão
Os póvos, que o mundo encerra:
Do mar triunfa a ambição:
Não ha mais que huma nação:
Todo o mundo he huma terra.

14.

Tu, cuja alta intelligencia
Já mais se póde enganar,
Não previste a consequencia,
Que desta infame sciencia
Poderia resultar.

15.

Vidas postas em leilões,
Perdas de fazenda, e d'honra,
Robos, incendios, traições,
Coroados os ladrões,
Entronisada a deshonra:

16.

Tanta mulher sem marido,
Tantos pupilos sem pais,
Teu altar prostituido,
Novo Deos reconhecido,
E... ó Jupiter, que mais?

17.

Alto: não passe á loucura
A paixão, que me domina.
A minha fé me assegura
Que não póde a creatura
Entrar na mente divina.

18.

Salvo porém seu direito,
Continúo a ponderar
Por desafogo do peito,
O damno, a que está sujeito
Quem se aventura no mar.

19

Moſtra o tempo alegre roſto,
Apparece o vento amigo,
Solta-ſe o panno com goſto;
Porém não tarda o deſgoſto,
Quando eſtá perto o perigo.

20

De repente a embarcação
Por parte occulta ſe arromba:
Que triſte ſituação!
Pedem todos confição,
Grita o meſtre, á bomba, ábõba.

21

Huns na bomba a repuxar,
Outros a brécha buſcando,
O licor á borbulhar,
O navio a ſe agachar,
E á morte caminhando.

22

Já falla o Piloto frio
Ao Capitão ſem diſcurſo:
De balde intenta o deſvio;
Engole o mar o navio,
Morrem todos ſem recurſo.

23

Ao fenomeno, que ouviſte,
O do incendio he ſimilhante;
E ſabei (ſe em terra o viſte)
Que no mar tanto he mais triſte,
Quato mais he crepitante.

24

Inteira a compoſição
Do navio he combuſtivel:
Madeira, eſtopa, alcatrão,
Linho, polv'ra, em concluſão
Todo elle he fogo invifivel.

25

Se huma faiſca ſe atêa,
E logo não ſe occorreo;
De improviſo ſe incendêa,
E cada hum na chamma fêa
Prova a pena do Judeo.

26

Mas ſe nada d'iſto ſente,
E vai com vento feliz,
Toca o baixo de repente,
Obriga o reſto da gente
A ver a coſta infeliz.

27

Outra vez ſem precaução
Topa o Mouriſco baixel,
Lá vai em riſco o Chriſtão
De ler no torpe Alcorão
Em Berberia, ou Argel.

28

Se deſte perigo eſcapa,
Cahe nas podres calmarias:
E ſeja Rei, ſeja Papa,
Alli fica poſto á capa
Oito, quinze, ou vinte dias.

29

Nas demoras da viagem
Consomem-se os mantimentos.
O mar não tem estalagem.
Mas ah! q eu já pinto a imagem
Da guerra dos elementos.

30

Ver o Ceo subitamente
Cobrir-se de noite escura;
Retalhar o raio ardente
O ar, que sofre impaciente
Do seu imperio a rotura;

31

D'Eolo o poder tremendo
Encrespando os largos mares
Ao fundo cáos descendo,
As areas revolvendo
Sacudindo-as pelos ares:

32

Roucos Aquilões berrando
Pelas infarsias zinindo,
Muras, escotas quebrando,
Duras vergas arrancando,
Rotas velas engolindo,

33

O mar convulso da ira
Meneando a verde trança
Contra todos se conspira;
Ao abysmo aqui se atira,
A's nuvens alli se avança.

34

Entre o bom, e entre o máo
Não descobre meio alguem:
E a desmastreada náo
Gemendo dentro do váo
Por quantas juncturas tem.

35

O Capitão macilento
O governo desampara;
Corre, salta, cobra alento,
Agasta-se contra o vento,
Faz votos a Santa Clara.

36

Voão das lúbricas bordas
Marujos rijos, ou fracos
Para as tremulantes cordas,
Mais ensopados que sordas,
Mais ligeiros que macacos.

37

Enteza o Piloto o rabo
D'albernoz e solideo;
E arrimando-se a hum cabo,
Enche a boca de diabo,
E põem os olhos no Ceo.

38

Da bozina a voz escura
Confundida c'o tropel,
Que lá nos mastos murmura,
Mostra imperfeita figura
Da confusão de Babel.

39

Até do beliche ſalta
Com agua benta n'um copo
O Capellão, que não falta,
E a trémula voz exalta,
Dizendo: *Aſperges me hyſopo.*

40

Rompe a maritima eſcolta
Num triſte clamor vehemente:
Cada qual as coſtas volta
Ao ſeu poſto, vendo ſolta
A morte em braços c' a gente.

41

Eſtas as cauſas primarias
D'hum vario acerbo deſtino:
Deixo as outras ſecundarias,
Que são quaſi neceſſarias
No mar, que he moto contino:

42

Como o Padre hir celebrar;
E que fraca devoção!
Não ſe poder conſervar,
Pois por força ha de dançar
Pelo tom da embarcação.

43

E ainda a todo eſte cuſto
Teu valor não triunfára,
Fortuna. Forte, robuſto
A tudo olhára ſem ſuſto,
A nada o roſto voltára;

44

Se obrigado da ordenagem,
Que te devo obediente,
Não viſſe a libertinagem,
Rito, coſtume, lingoagem
Da vil maritima gente.

45

Gente de lei depravada,
Nunca em terra conhecida,
D'huma lei endiabrada,
No Cocito fabricada,
No mar eſtabelecida.

46

Tenha o Leitor paciencia,
Que vou applicar o conto,
Que veio por atingencia,
E feita eſta diligencia,
Prometto voltar ao ponto.

47

He digna a hiſtoria de crença.
Por me o Capitão contar:
Jurou me que a tinha imprenſa,
E que já andava apenſa
A's cartas de marear.

48

Os eſpritos infernaes
(Diz elle) fazem funções,
Quando chegão os fiſcaes,
Seus íntimos parciaes
Malfeitores e ladrões.

49

Por Alecto remettidos
Lhes forão d'estes infanos
Huns vinte e tres escolhidos,
Por final hião mettidos
Na tropa dez Castelhanos.

50

Em honra da infeliz sorte
Traz o copeiro do Averno
Onze mil toneis de porte
Cheios de espirito de morte
Restilado em fogo eterno.

51

Rouca campa hũ delles toca,
Concorre o bando cornudo;
E já co vaso na boca
O trifauce Cão invoca,
Ferve o brinde, treme tudo.

52

Das trez furias assistidos
Os hospedes festejaram
Com taes berros, e alaridos,
Que perdêão os sentidos,
E todos se embriagáram.

53

Desta sorte ferrugentos
A lei maruja imprendêam;
E conforme os seus intentos,
Em varios ajuntamentos
A tombos a compozerão.

54

Construem a barca fêa,
Dão o governo a Charonte,
Pratica a nefanda idéa,
E pela fumosa vêa
Navega de Flegethonte.

55

Plutão copiada a deo
Como de mimo importante
Ao Thracio, quando desceo
Ao centro do reino seu
Embusca da sua amante.

56

Veio em Thessalia a perdela
Nas mãos de Jason maligno,
E os Argonautas com ella,
Té que fizerão-se á vela
Contra o aurèo Velocino.

57

Até aqui do Capitão:
Perdôe o Leitor prudente;
Foi precisa a relação,
Venha o fio da oração,
Tornemos á nossa gente.

58

Gente vulgar, clamorosa,
Não se serve da razão
Crédula, sempre orgulhosa,
Duvída do Deos que goza,
Só crê na superstição.

59

Do Capitão juſto he
Seja a liſta começada;
Liſta de gente ſem fé,
De gente, que toda lê
Pela meſma taboada.

60

Groſſo gibão de picote,
Alta mitra de baeta,
Qual outro D. Pelengrote,
De dentro do camarote
Promulga irriſoria peta.

61

Propoſições mal ſoantes,
O erro, e o barbariſmo
Co' as cabeças vacilantes
Eſcutão os circumſtantes,
Ouvem toſco pedantiſmo.

62

Affirma por couſa certa,
E não duvida jurar,
Que já vio, eſtando á lerta,
As nuvens co' a boca aberta
Bebendo as aguas do mar.

63

Jura o Piloto á breſtilha
Que fallára a mãi da Lua;
E que na altura da Ilha
Se encontrára co' a filha
Do beco neto da rua.

64

Move o Contra-meſtre os pés,
E diz a quem queira ouvi-lo,
Que de ſima do convéz
Vira a tantos de tal mez
No Mondego o pai do Nilo.

65

Diz hum dos outros ſandeus
Que ouvíra da ſereá o canto;
Outro que c'os olhos ſeus
Já víra a Madre de Deos
Fallando c'o Corpo Santo.

66

Outros muitos erros dão
Os brutos racionaes,
Bem dignos de Inquiſição:
Não os queimão, porque são
Hereges materiaes.

67

Por ceremonia ſómente
A Jesu Chriſto confeſsão:
O ſeu culto indifferente
A cada paſſo deſmente
A meſma Lei, que profeſsão.

68

Se acaſo o vento se eſtreita,
Chamão por Deos (he verdade);
Porém com ſuborno e peita;
E ſegundo a ſua ſeita
Hão de obrigar-lhe a vontade.

69

Como o tempo não melhora,
Entregão logo ao demonio
Do seu nascimento a hora,
Descompõem nossa Senhora,
Chamão cor... a S. Antonio.

70

Pois o Capitão fallar
De politica, e de guerra!
Espirra, falta para o ar,
Crê que póde mais no mar,
Que o Grão Mogor póde em
(terra.

71

Pinta a nautica batalha,
Falla em bombas, em pelouros,
Enche a boca de metralha,
Contra os Hollandezes talha,
Faz zombaria dos Mouros.

72

Conta como manobrára
Os inventos de Vulcano,
Navios, que destrocára,
Conta em fim como naufragára
Hum corsario Americano.

73

Eis que apparece huma vela:
Em convulsões e tremor
Diz já com face amarela:
Fórte embarcação aquella,
Não ha desgraça maior.

74

Mas como o baixel passasse,
Bazofiando outra vez
Diz: Temeo-se; se chegasse,
Eu prometto que ficasse
Conhecendo o Portuguez.

75

Rustico por condição
Palavra boa não tem:
Grosseiro sem criação,
Usa de tal expressão,
Que não o percebe alguem.

76

Se lhe vai hum passageiro
Dar os bons dias attento;
Posto em ar de pastelleiro,
Responde-lhe muito inteiro
Ao Norte por sota-vento.

77

Sóbe a negra caldeirada
De manhã n'um prato grosso,
Já por café baptizada:
Grita a lôrdida manada,
O' lá, venhão para o almoço.

78

Hum chega ao charope hon-
(rado,
Dizendo: Bravo, excellente.
Fica o outro recostado,
Porque já tem almocado
Bolaxa com agua ardente.

79

Em quanto vai refecendo
O café, ferve a patrulha
Mil mentiras revolvendo,
De quando em quando metendo
Por entre pasto huma pulha.

80

Quando o mar Titão vai vêr
Do Zenith no quarto Ethonte,
Corre, intimando saber,
E da poppa entra á fazer
Caretas ao Orizonte.

81

Volta acabada a exp'riencia,
Chama o resto dos besteiros;
E por fim da conferencia
Tira falsa consequencia
De principios verdadeiros.

82

Arma o Piloto hum tregeito,
Revela, o que vio no mar,
Fica muito satisfeito,
E diz surrindo-se: Feito,
Vamos agora ao jantar.

83

Salta o bicho da cozinha,
E da sulfurea caldeira
Entorna a ingrata mézinha
Dentro da solta farinha,
Mexe a sopa Brazileira.

84

Aos insipidos vapôres
Do retorcido pitão
Voão os brancos açcôres,
Sobem logo os Monsenhôres
Co' os çujos pratos na mão.

85

Cercão a banca impacientes
Da gula, que lhes atiça:
O grude engolem contentes,
E nos famélicos dentes
Estala a dura carniça.

86

Nos dias porém, que a Igreja
Desta comida os degrada;
Na pestifera bandeja
Saltando o feijão peleja
Contra a vil bacalhoada.

87

Armão-se os famintos gatos
De garfo, e colher de páo,
E dão-lhes não sei que tratos,
Que ficão limpos os pratos
De feijão e bacalhão.

88

Brilhão os copos na meza,
Escarrão, tomão tabaco
Por chibança, e por grandeza;
Por fim ficão sem defeza
Prezos á ordem de Baccho.

89

Cheios de vinho e de gloria
Os inflammados Queixotes,
Sem auxilios de memoria
Entrão nos annaes da hiſtoria,
Como nos ſeus camarotes.

90

Dão principio a combinar
Por agouros a derrota:
Logo paſsão a tratar
Do cerco de Gibraltar,
E da paz de Aljubarrota.

91

Teimão que o ſigno Aquatio
Fôra monge de S. Bento;
E ſe ha partido contrario,
O ſeu perpétuo lunario
He quem decide o argumento.

92

Diz hum, que D. Sebaſtião
Vive occulto no Funchal:
Logo outro affirma que não,
Porque o vira hum ermitão
No Paraiſo terreal.

93

Diſputam com ſegurança
De Carlos Rei de Suecia:
Dizem que os Pares de França
Forão os meſtres de dança
Dos ſete Sabios da Grecia.

94

Fallão muito no cruzeiro
Do Sul, no monte Vidiu:
Tem por caſo verdadeiro
O burro caga dinheiro,
E o Papa, que pariu.

95

Deſte, e d'outros muitos factos
Mercão-ſe alli a dez reis:
E o mais he que os inſenſatos
Chegão co' os groſſos çapatos
Ao redor do altar dos Reis.

96

Por qúe o Rei obrou aſſim,
Diz hum delles dando hum ai.
O outro reſponde: Em fim
Digão-me voſsês amim,
Que ſei, o que por lá vai.

97

Cégos; não vem o perigo
Do adoravel Miniſterio:
Com quanta laſtima o digo!
Atirão logo comſigo
Para o Dogma e Myſterio.

98

Eu diſſera ſem receio
Da ſua brutalidade,
O que á lembrança me veio,
Se me não puzera hum freio
A fraternal caridade.

99

Quanto elles tem proferido,
Ella ſoffre, e diſſimula.
Ella conhece o partido,
Sabe que he ar movido,
E voz, que nada articula.

100

A reipeito da moral,
Oh que rica frioleira!
Que caturrices! Ha tal,
Que tem por culpa mortal
Cortar unhas ſexta feira.

101

Outra mais galante peta
Verſa como opinião;
E he, que todo o Anachoreta
Com dez annos de roupeta
Póde ouvir de confiſsão.

102

Seguem que o homem q̃ toma
Bulla de ſeis em ſeis mezes,
Dando em dinheiro huma ſõma,
Póde ſem letras de Roma
Caſar duas e tres vezes.

103

Que bem ſe póde tomar
Sem mais eſcrupulo algum
Hum pão depois de jantar,
Outro antes de conſoar,
Ficando illeſo o jejum.

104

Se o Capellão, a quem tcca
Fallar por parte da Lei,
Sobe mais, e abre a boca;
Diz hum d'alli: Iſſo he moca;
Outro d'acolá: Borrei.

105

De repente a eſquadra vil
D'eſta prática dá hum ſalto
Para a fraſqueira e funil:
Lembrão chulas do Brazil,
Ratices do Bairro Alto.

106

Torpe e venereo ſuſſurro
Com o Deos biforme luta;
Treme o mar ao ſom do zurro:
A cacheirada e o murro
Põem fim á meza e diſputa.

107

Bem pouco tempo medêa
Entre eſta e outra ſoada,
Que nos abutres ſe atêa
Chegada a hora da cêa;
A cêa he arroz, ou cevada.

108

Da luta o Cirurgião
Sempre, ou quaſi ſempre fica
A preciſa obrigação
De revolver hum caixão,
Por ſobre-nome Botica.

109

(gria,
Co'hum frasco d'agua de Hun-
Sene, ameixas, alvaiade,
E a palavra Anatomia
Satisfaz qualquer porfia,
Cura toda a enfermidade.

110

Foge o dia finalmente,
(Que dia tão mal gastado!)
Chega a noite: triste gente!
Ha de ouvir por causa urgente
Hum certo terço cantado.

111

Debruçados sobre as tinas
C'os barretes na cabeça
Entoão pragas divinas:
Se são Gregas, se Latinas,
Duvido que alguem conheça.

112

Ao som da tremenda voz
Os seus Phocas desampara
Protheo correndo veloz.
Deos, se fôra como nós,
Tal terço não escutára.

113

Levantão tal vozeiria
Os desamarrados molhos,
Que assombrada ficaria
Toda a incauta companhia
Senão vira co'os seus olhos.

114

Eu quizera já vexado
Do calor do vento máo
Hir á cama encarquilhado,
E ficar vivo enterrado
Em catatumbas de páo;

115

Eu quizera supportar
Do navio ingratos cheiros,
Co'as baratas pelejar;
E não quizera aturar
Maldições de marinheiros.

116

Não quizera em mágoa forte
Vêllos em contínua guerra,
Blasfemarem contra a sorte,
Desafiarem a morte;
Maldizerem Ceo e terra.

117

Sim, fortuna, só assim
Pulára a tua vangloria.
Honra a maruja, que em fim
Foi quem triunfou de mim,
Foi quem te deo a victoria.

118

Cruel, se a tua ambição
Sêde de mais gloria tem,
Vai ver outro coração;
Que se for de Heroe Christão
Ha de curvar-se tambem.

119

Eſſe meſmo domador
Dos monſtros, e do perigo,
Mudára do roſto a côr,
Como eu; perdêra o valor,
Se ſeguiſſe o Deos, que ſigo.

120

Vai, não te aſſuſte o poder:
Eu te aſſeguro as façanhas.
Filho nenhum ha de haver,
Que poſſa ſem pranto ver
Da mãi as rotas entranhas.

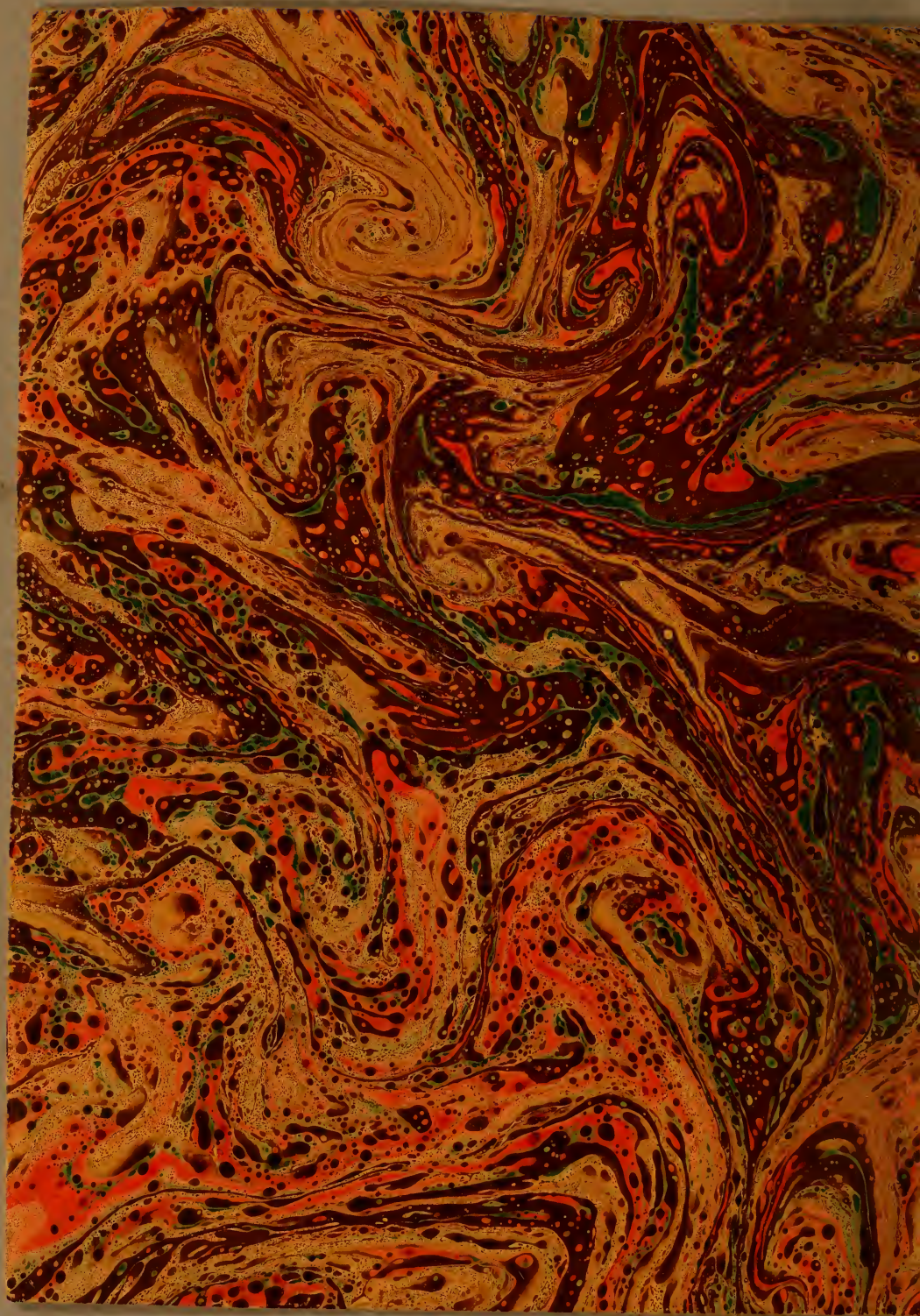
121

Fartai-vos roucas ferêas:
Eſcondei-me a terra amada;
Que ſe eu pizar-lhe as arêas,
Rindo das voſſas idéas
Darei grande cachinada.

FIM.

90-31

C 192
1648 m

250

Coll. apparently complete: 16 p.
DD 4/11/89